

# Uma nova concepção de educação entre assentados: Assentamento Sumaré - SP

## Autores

---

Vitor Machado

## Orientador

---

Zeila de Britto Fabri Demartini

## 1. Introdução

---

Este artigo é resultado da elaboração de um projeto de doutorado cujo tema central é a concepção de educação entre jovens. Assim, a sua finalidade é tentar expor algumas idéias como algo que pretende ser o início de uma contribuição com os estudos e pesquisas que visam, antes de mais nada, esclarecer os equívocos com que o senso comum tem tratado os novos atores sociais do campo, que são os trabalhadores rurais sem terra.

O tema proposto é a concepção de educação numa realidade bastante específica, na qual os sujeitos pesquisados vivem em espaços historicamente "novos"- assentamentos de reforma agrária e se tornam categorias sociológicas também novas (WHITAKER, FIAMENGUE, 1995).

Como a educação é tema relevante neste artigo, chamo a atenção sobre às dificuldades enfrentadas pelos assentados, de uma escolarização que ignora a diversidade cultural existente na sociedade brasileira e o preconceito que sofrem durante o processo de escolarização a que estão sujeitos e que foi exaustivamente estudado por alguns pesquisadores.

Por outro lado, mesmo em meio a esses preconceitos e dificuldades, constatou-se, através de dados do censo aplicado aos adultos, que os assentados aspiram por educação escolar, podendo-se notar que em muitos assentamentos, os jovens e suas famílias estão ultrapassando o modelo de 1ª a 4ª série como escolaridade básica, atingindo os padrões de aspirações referentes ao primeiro mundo.[\[1\]](#)

Enfim, os dados comprovam que os assentados, diante de todas as dificuldades em relação à educação escolar, resistem, caminhando na direção de um saber conscientemente buscado, que devido ao processo de construção do conhecimento, permite a transformação da realidade pela prática política, segundo suas necessidades e diversidades, na difícil convivência com o espaço urbano.

Para elaborar este artigo realizei experiência exploratória com registros em diário de campo e entrevistas com alguns assentados, residentes em Sumaré, e que, de maneira carinhosa e muito calorosa me receberam para conversas informais, durante as quais manifestaram solidariedade e se esforçaram em contribuir.

Como foram tantos os assuntos, gostaria de dedicar-me apenas a um em especial, o que não significa

desprezo nem falta de riqueza que as demais idéias expostas apresentaram. Além do mais, sem elas seria impossível ter chegado as conclusões para a elaboração deste trabalho.

Como já disse, adotei como universo de pesquisa o assentamento de Sumaré, que ocupa uma área do Horto Florestal de Sumaré, onde antigamente eram plantados eucaliptos, utilizados pela FEPASA na fabricação de dormentes que sustentavam os trilhos das estradas de ferro.

Conseqüência da luta dos trabalhadores rurais pela conquista da reforma agrária, em 1985, as terras do horto foram cedidas pela FEPASA para a implantação dos assentamentos, como resultado da luta dos trabalhadores rurais pela conquista da reforma agrária.

O assentamento de Sumaré encontra-se, então, localizado a três quilômetros do centro urbano da cidade de Sumaré e a vinte quilômetros da cidade de Campinas. Essa localização é privilegiada, pois Sumaré é uma cidade que faz parte da região metropolitana de Campinas, uma região altamente industrializada.

Atualmente, o Assentamento de Sumaré, está dividido em Sumaré I e Sumaré II e é composto por famílias de origem rural, provenientes de várias localidades do Brasil. (ANDRADE, 1993).

Antes de continuar, gostaria de destacar que no Assentamento II surgiram as questões mais relevantes para a elaboração deste trabalho, e que, por este motivo, me dedico a uma reflexão e uma análise mais apurada sobre esse assentamento.

Nesse sentido, em relação a sua produção agrícola, toda ela é baseada em horti-fruti-granjeiros e tudo é produzido em lotes de seis hectares, destinadas à venda e à cultura de subsistência.

A tecnologia é escassa, sendo de uso coletivo o maquinário utilizado para a produção agrícola. Arroz feijão, milho, mandioca, batata doce, quiabo, abobrinha, brócolis, hortaliças e goiaba são os principais produtos destinados ao consumo e a comercialização. Mesmo com uma tecnologia pouco avançada, tradicional e com a assistência técnica agrícola que recebem de um Engenheiro Agrônomo do DAF/ITESP, os assentados tem tido sucesso no processo de produção da terra e no cultivo de seus alimentos. Este sucesso tem conseguido estabelecer e atender aos compromissos firmados com mercados e varejões, cujos proprietários preferem os alimentos produzidos no assentamento, àqueles fornecidos pelo CEASA.

Segundo relato dos assentados, os feirantes e varejistas, preferem os alimentos produzidos pelos assentados, porque consideram-no de ótima qualidade. Além disso, os alimentos que os assentados produzem são entregues bem logo após a colheita, não havendo o risco da degradação do alimento, o que não ocorre com o CEASA, por conta do sistema burocrático que a instituição exige na compra e venda dos produtos alimentícios, dificultando a entrega dos mesmos.

Desta forma, podemos verificar uma grande articulação do capital, desenvolvida entre o produtor assentado e os donos de estabelecimentos comerciais. Esta articulação é tão bem estabelecida, que em muitos casos, elimina-se até mesmo a figura do atravessador. O atravessador, como todos sabem, é um intermediário e está entre o produtor da mercadoria e o dono de um estabelecimento comercial. Ele compra a mercadoria diretamente do produtor por um preço mínimo e a vende ao dono do estabelecimento comercial por um valor bem acima do que pagou. O dono do estabelecimento comercial, que tem de obter seu lucro, repassa tal mercadoria para a população num custo certamente maior do que pagou pela compra do produto

. Essa cadeia sendo interrompida, com a eliminação do atravessador, faz o produto chegar mais barato à população, podendo ser consumido por um maior número de pessoas.

Desta forma, muitos indivíduos deslocam-se da cidade para comprar seus alimentos diários, como frutas, legumes e verduras, diretamente no assentamento, com o próprio produtor, que devido a esse fato, vende seus alimentos em barracas, instaladas na entrada do assentamento, à beira da estrada que liga Sumaré à

Hortolândia. Também muito freqüente é a atitude de alguns vendedores ambulantes, que com suas carriolas, vão ao assentamento a procura de produtos baratos e de boa qualidade, para serem vendidos durante um bom período de caminhadas pelas ruas da cidade.

Essa necessidade de articulação entre o campo e a cidade de Sumaré através desse comércio, possibilitou aos assentados promoverem grandes mudanças na qualidade e na melhoria das suas condições de vida. Atualmente, as moradias que antes eram barracos improvisados, dão lugar as casas de alvenaria, construídas com tijolos, que abrigam toda a família. A energia elétrica também chegou ao assentamento, resultando num conforto ainda maior para cada família assentada. Ela possibilitou a aquisição do telefone público e particular, muito importante no processo de interação do homem com a sociedade moderna.

Vejam agora a questão escolar. Diferentemente dos assentamentos de Araraquara[2], no caso dos assentamentos de Sumaré, o Sumaré II dispõe de uma escola, construída com os recursos próprios da comunidade, além do auxílio de uma organização não governamental e da prefeitura municipal de Sumaré que contribuiu para a conclusão da obra.

A escola está localizada no centro comunitário, no interior do assentamento e denomina-se “Escola Estadual de Primeiro Grau Assentamento II”, oferecendo a pré-escola e todas as séries do ensino fundamental. A escola é de alvenaria e contém duas salas de aula, uma cozinha, banheiros e uma área coberta onde é montado um palco permanente que é utilizado para as festividades do assentamento. Esta escola conta com um professor e está vinculada a uma Escola Estadual de Sumaré “André R. de Alquimim”, que oferece as todas as séries do ensino médio e do ensino fundamental.

Segundo os estudos elaborados por Andrade (1993), inicialmente, em 1991, a escola contava com uma professora a cada duas séries. Das crianças que freqüentavam a escola, 90% concentravam-se no 1º grau, especificamente a 4ª série. Um aluno apenas cursava o 2º grau e dois o nível superior.

Já no ano seguinte, em 1992, 92% cursavam as séries de maneira igualitária, concentrando-se entre as primeiras e as últimas séries. Como observou Andrade (1993), naquele ano ocorreu uma aprovação elevada de alunos para a 5ª série, representando 23% dos alunos em idade escolar. Os jovens que freqüentavam escola acima da quinta série, estudavam na cidade.

Os dados coletados pela pesquisadora são relevantes ao demonstrar a preocupação dos assentados em relação ao estudo dos filhos. Tal preocupação pode ser constatada no Censo de 1995 que demonstra uma forte aspiração dos pais para que seus filhos estudem.

O estudo dos filhos, representa para os pais uma possibilidade de ascensão e integração de seus filhos ao mundo capitalista. Uma possibilidade a mais, capaz de superar as contradições impostas pelo capitalismo.

Eu penso, e isto baseia-se na interpretação de vários estudos acerca da educação do homem rural, que o saber oficial é a forma de saber que tanto desejam.

Este saber é tipicamente característico da sociedade capitalista, que Bourdieu (1966) chama de arbitrário cultural dominante, elaborado nos moldes dessa sociedade e praticado em toda sua extensão. Este saber não é o que contempla a cooperação, mas o que tem na competição seu objetivo fundamental no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem.

Talvez por conta disso, que os assentados enfrentam tantas dificuldades durante a vida escolar, como demonstram vários trabalhos de pesquisa. Tais dificuldades são de ordem física e moral. As de ordem moral, são reveladas através do preconceito que enfrentam na escola tanto por parte de alunos, como dos professores. (Araújo- 1996) Já as de ordem física, são reveladas na dificuldade de locomoção daqueles em idade escolar e que freqüentam escolas fora do assentamento.

Isso pode ser constatado, pelo descaso das autoridades em relação a implementação de uma política educacional séria, capaz de atender às necessidades dos que habitam a zona rural e pretendem se dedicar aos estudos.

Em Sumaré existem também muitas dificuldades. Todavia, no que se refere às questões de ordem estrutural, tais dificuldades parecem que foram superadas. Além de possuírem uma escola no próprio assentamento, aqueles que estudam fora recebem transporte gratuito da prefeitura para se locomoverem à escola que freqüentam. O transporte coletivo também é cedido pela prefeitura para transportar doente, pelo fato de não existir um posto de saúde no assentamento.

Mais importante do que a superação das dificuldades físicas, é o que atualmente vem ocorrendo em Sumaré, segundo o relato de alguns assentados. Segundo eles, os adultos e idosos voltaram ou começaram a freqüentar escolas fora do assentamento. Somado a isso, uma grande parte dos jovens que saíram para freqüentar os cursos técnicos e superior fora do assentamento, agora, ao retornarem, trabalham nos lotes dos seus pais.

Encontro aqui evidências que podem significar a mudança da concepção de educação e do saber que almejam, tanto os pais quanto seus filhos, mudança esta em relação a concepção convencional predominante no meio urbano que associa fortemente educação escolar à estrutura de empregos (WHITAKER, D.C.A :1981).

Para eles, os adultos, o estudo ou o saber parece que são considerados como um mecanismo de socialização ao mundo. Esta possibilidade me foi sugerida pela descoberta de número considerável de jovens que retornam às lides do assentamento após completarem seus estudos na cidade. É de se pensar que estando inseridos e articulados com o capital, como é o caso do assentamento de Sumaré, o estudo na forma do saber passa não mais a significar uma garantia de conquista material, mas a possibilidade de superação das necessidades do universo do mundo rural, inclusive valores ligados a educação.

Enfim, espero que minhas descrições e análises tenham demonstrado a necessidade de uma reforma agrária no país, e contribuído de forma significativa com a luta pela conquista da cidadania e de melhores condições de vida daqueles trabalhadores rurais excluídos que almejam um pedaço de chão.

---

[1] Analisando o Censo de Assentamentos Rurais do Estado de São Paulo, Whitaker chama a atenção para as aspirações intensas por educação escolar. ( WHITAKER: 1994).

[2] Em Araraquara, nos assentamentos da Fazenda Monte Alegre não há escolas.

## 2. Objetivos

---

Contribuir com os estudos e pesquisas que visam, esclarecer os equívocos com que o senso comum tem tratado os novos atores sociais do campo, que são os trabalhadores rurais sem terra. O tema proposto é a concepção de educação numa realidade bastante específica, na qual os sujeitos pesquisados vivem em espaços historicamente "novos"- assentamentos de reforma agrária e se tornam categorias sociológicas também novas.

### 3. Desenvolvimento

---

Pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo exploratória

### 4. Resultados

---

Encontrei evidências que podem significar a mudança da concepção de educação e do saber que os assentados almejam, tanto os pais quanto seus filhos, mudança esta em relação a concepção convencional predominante no meio urbano que associa fortemente educação escolar à estrutura de empregos . Porém os dados não são conclusivos, pois necessitam de uma pesquisa mais apurada.

### 5. Considerações Finais

---

Espero que minhas descrições e análises tenham demonstrado a necessidade de uma reforma agrária no país, e contribuído de forma significativa com a luta pela conquista da cidadania e de melhores condições de vida daqueles trabalhadores rurais excluídos que almejam um pedaço de chão.

### Referências Bibliográficas

---

ANDRADE, M. R. de O. O destino incerto da educação entre os assentados rurais do Estado de São Paulo. Campinas, 1993. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação/ UNICAMP.

ARAÚJO, R. A. Os pés vermelhos e a proposta de agrupamento das escolas rurais, São Carlos, 1996. Dissertação. (Mestrado em Educação) - CECH, Universidade Federal de São Carlos.

BOURDIEU, P. - L'école conservatrice: les inégalités devant l'école et devant la culture, Revue Française de Sociologie, VII, 1966.

WHITAKER, D. C. A. A seleção dos privilegiados, São Paulo: Editora Semente, 1981.

WHITAKER, D. C. A. e FIAMENGUE, E. C. , Assentamentos de Reforma Agrária: novos atores e novos espaços sociais no campo. In: \_\_\_\_\_. Retratos de Assentamento, NUPEDOR, ano II, n.2, 1995.